

*Enzo Bianchi*

# **Dom e Perdão**

*Por uma ética da compaixão*



EDITORIAL A.O.

**Título original**

*Dono e perdono*

– *Per un'etica della compassione*

© 2014 Enzo Bianchi

Giulio Einaudi editore

ISBN – 978-88-06-22278-9

**Tradução**

Mário José Galvão de Almeida

**Capa**

Francisca Cardoso Girão

**Paginação**

Editorial A. O.

**Impressão e Acabamentos**

Sersilito, Empresa Gráfica, Lda.

**Depósito Legal nº**

466167/20

**ISBN**

978-972-39-0886-2

Janeiro de 2020

*Com todas as licenças necessárias*

©

**SECRETARIADO NACIONAL  
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 443  
[www.redemundialdeoracaodopapa.pt](http://www.redemundialdeoracaodopapa.pt) | [livros@snao.pt](mailto:livros@snao.pt)

*A Michelina Borsari*



# O DOM

*O dom não é suficiente  
se não estiver presente também o doador.*

Martinho Lutero

## **Introdução**

O tema do dom é um dos temas mais presentes no grande estaleiro da investigação e da reflexão contemporâneas: as teorias acerca do «dom» são certamente muitas e mesmo diversas. Marcel Mauss, com o seu *Essai sur le don*, teve um papel decisivo na elaboração das teorias acerca do dom, mas depois dele muitos outros, sobretudo os filósofos franceses, indagaram e procuraram compreender, discernir e interpretar o *homo donator*, o homem capaz de

doar, o homem que se faz dom: de Georges Bataille, Émile Benveniste e Jacques Derrida até Jacques T. Godbout. É deste último, por exemplo, uma imagem muito sugestiva:

Há uma espécie de lei social que faz com que aquilo que não circula morra, como sucede com o lago de Tiberíades ou o Mar Morto. Formados a partir do mesmo rio, o Jordão, um está vivo e o outro morto, porque o primeiro dá água a outros rios, enquanto o segundo guarda-a toda para si.

Medita-se e investiga-se acerca do «dom», mas colocam-se também muitas perguntas acerca da presença do dom hoje: numa sociedade dominada pelo mercado, assinalada por um acentuado individualismo, com os traços do narcisismo, egoísmo, *philautía*<sup>1</sup> e egolatria que a caracterizam, há ainda lugar para a arte da doação? É ainda possível a doação, para lá do âmbito dos laços afetivos e do clima de uma festa? Mas há uma outra

---

<sup>1</sup> Amor-próprio [N. T.].

questão, em meu entender decisiva: na educação, na transmissão às novas gerações da sabedoria acumulada há atenção ao dom e à ação de doar como ato autêntico de humanização? Há consciência de que o dom é a possibilidade de lançar o isco às relações recíprocas entre seres humanos, qualquer que seja depois o resultado?

A partir de uma leitura sumária e superficial, pode concluir-se que hoje já não há lugar para o dom, mas apenas para o mercado, a troca utilitarista; até podemos dizer que o dom é apenas um modo de simular gratuidade e desinteresse onde reina, pelo contrário, a lei da utilidade. Numa época de abundância e opulência, pode também praticar-se o ato do dom para comprar o outro, neutralizá-lo e retirar-lhe a sua plena liberdade. Pode inclusivamente usar-se o dom – pensemos nas «intervenções humanitárias» – para mascarar o mal que age numa realidade de guerra. Esta ambiguidade que pesa sobre a doação e pode perverter o seu significado não é nova; já na antiguidade se dizia: *Timeo Danaos et dona ferentes*: «Temo os gregos mesmo quando trazem dons» (Virgílio, *Eneida* II, 49).

Mas há também uma forte banalização do dom, que é diminuído e desfigurado ainda que se lhe chame «caridade»: hoje, com uma SMS, «dá-se» uma migalha àqueles que os meios de comunicação nos apresentam como sujeitos – longínquos! – em relação aos quais vale a pena experimentar emoções.

Estamos conscientes dos riscos e das possíveis perversões do dom: o dom pode ser recusado com atitudes de violência ou de indiferença distraída; o dom pode ser recebido sem despertar gratidão; o dom pode ser desperdiçado: a doação é, de facto, uma ação que requer o assumir de um risco. Mas o dom pode também ser pervertido, pode tornar-se um instrumento de pressão que incide sobre o destinatário, pode transformar-se num instrumento de controlo, pode encadear a liberdade do outro em vez de a suscitar. Os cristãos sabem como, ao longo da história, até o dom de Deus, a graça, pôde, e pode ainda, ser apresentado como uma conquista do ser humano, o novo Prometeu, ou como uma ação de um Deus perverso, cruel, que incute medo e infunde sentimentos de culpa.

## ÍNDICE

### O dom

Introdução	9
1. A arte da doação: dar e receber	14
2. Dom e proximidade	18
3. Dom e gratuidade	24
4. Dom e justiça	29
Conclusão	34

### O perdão

Introdução	37
1. O perdão e o mal	43
2. O árduo caminho do perdão	46
<i>A tentação da vingança</i>	47
<i>Conhecer-se a si mesmo para se transformar a si mesmo</i>	50
<i>Compreender o ofensor</i>	52
<i>Manifestar o perdão</i>	54
3. Como viver o perdão enquanto cristãos	57
4. Perdão e justiça	62
Conclusão	69

*Dom e perdão*

**A compaixão**

Introdução	71
1. A compaixão de Deus no Antigo Testamento	79
2. A compaixão de Deus narrada por Jesus Cristo e própria do cristão	85
3. A compaixão, forma do encontro com o outro, resposta humana ao mal	95
Conclusão	105
<i>Para aprofundar</i>	107
<i>Índice</i>	109